



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO - BACHARELADO**

ALINE MARTIELLY COSTA FIGUEIREDO DOS SANTOS

A VIDA NO FIM DA VIDA:

Um podcast sobre o convívio com a Doença de Alzheimer

**CUIABÁ-MT
2025**

ALINE MARTIELLY COSTA FIGUEIREDO DOS SANTOS

A VIDA NO FIM DA VIDA:

Um podcast sobre o convívio com a Doença de Alzheimer

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Jornalismo – Bacharelado, do Departamento de Comunicação, Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof Dr. Carlos Augusto de Franca Rocha Junior

**CUIABÁ-MT
2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

S237v Santos, Aline Martielly Costa Figueiredo dos.

A vida no fim da vida [recurso eletrônico] : Um podcast sobre o convívio com a Doença de Alzheimer / Aline Martielly Costa Figueiredo dos Santos. -- Dados eletrônicos (1 arquivo : 45 f., il. color., pdf). -- 2025.

Orientador: Carlos Augusto de Franca Rocha Junior.

TCC (graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Cuiabá, 2025.

Modo de acesso: World Wide Web: <https://bdm.ufmt.br>.

Inclui bibliografia.

1. Podcast narrativo. 2. Doença de Alzheimer. 3. Jornalismo literário. 4. Saúde. 5. Storytelling. I. Junior, Carlos Augusto de Franca Rocha, *orientador*. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
COORDENAÇÃO DE ENSINO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

DESPACHO

Processo nº 23108.035747/2025-42

Interessado: Coordenação de Ensino de Graduação em Jornalismo

ALINE MARTIELLY COSTA FIGUEIREDO DOS SANTOS

A VIDA NO FIM DA VIDA: Um podcast sobre o convívio com a Doença de Alzheimer

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo ao curso de Jornalismo - Bacharelado da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso.

Aprovada em 13 de maio de 2025.

Presidente da Banca/Orientador: Professor Doutor Carlos Rocha
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

Examinadora Interna: Professora Doutora Mirian Barreto Lellis
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

Examinador externo: Mestrando Jenisson Ed Viana Bartniski
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso



Documento assinado eletronicamente por **CARLOS AUGUSTO DE FRANCA ROCHA JUNIOR**, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso, em 13/05/2025, às 09:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Despacho ALINE MARTIELLY (7899876) SEI 23108.035747/2025-42 / pg. 1



Documento assinado eletronicamente por **JENISSON EDY VIANA BARTNISKI**, Usuário Externo, em 13/05/2025, às 10:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **MIRIAN BARRETO LELIS**, Usuário Externo, em 13/05/2025, às 16:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 7899876 e o código CRC 2957326A.

Referência: Processo nº 23108.035747/2025-42

SEI nº 789976

Dedico este trabalho aos meus avós, que me mostraram que comunicação é,
acima de tudo, um belíssimo dom.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, a Deus, a Buda, ao Universo e a cada xícara de café que me deu ânimo nos dias mais difíceis. Sem essa força espiritual (e cafeinada), talvez esse trabalho não tivesse saído do papel.

Aos meus pais, meu mais profundo agradecimento por sempre me guiar pelo caminho da educação, da ética e do esforço. À Duda que sempre torceu pelas minhas conquistas e à Érika que me deu o melhor presente que eu poderia receber durante esse processo: Olívia, minha sobrinha e afilhada, que chegou ao mundo me lembrando do porquê vale a pena trabalhar por um mundo melhor.

A Urano, que estive ao meu lado nas longas tardes e madrugadas em frente ao computador — a companhia silenciosa e leal que todo projeto de vida precisa. E a Guilherme, por ser minha mais bonita escolha, por acreditar em mim quando eu mesma duvidei, por me apoiar e caminhar ao meu lado em todos os momentos, com amor, (muita) paciência e presença.

A Fernanda Camargos, obrigada por tornar essa jornada mais leve, por dividir o peso e oferecer ajuda com generosidade e carinho.

Aos amigos que a vida me deu, sou grata pelos momentos, pelas risadas, pelas histórias, pelo apoio mútuo e pela certeza de que ninguém chega sozinho.

Agradeço aos profissionais que colaboraram, apoiaram e avaliaram este trabalho.

A cada pessoa que atravessou essa caminhada comigo, meu carinho e meu muito obrigada. Vocês moram nesse trabalho tanto quanto eu.

“Meus ontens estão desaparecendo e meus amanhãs são incertos. Então, para que eu vivo? Vivo para cada dia. Vivo o presente. Num amanhã próximo. Esquecerei que estive aqui diante de vocês e que fiz este discurso. Mas o simples fato de eu vir a esquecê-lo num amanhã qualquer não significa que hoje eu não tenha vivido cada segundo dele. Esquecerei o hoje. Mas isso não significa que o hoje não tem importância.”
(Lisa Genova, 2009)

RESUMO

Este estudo apresenta o desenvolvimento de um podcast narrativo que examina o impacto da Doença de Alzheimer na vida de pacientes, familiares e cuidadores. O projeto tem como objetivo sensibilizar o público, desmistificar a doença e ressaltar a importância da humanização no cuidado. A pesquisa se fundamenta no jornalismo literário (Traquina, 2005; Martinez, 2017) e nas teorias da narrativa sonora (Silva, 2020; Bonini & Monclús, 2015; Lindgren, 2013), adotando métodos jornalísticos como entrevistas em profundidade com profissionais da saúde, cuidadores e especialistas, além de técnicas de edição voltadas à produção em formato de podcast. A série é estruturada em três episódios, que abordam o diagnóstico, o processo de cuidado e a fase final da vida do paciente, refletindo também sobre a experiência daqueles que permanecem. A divulgação ocorre por meio do perfil no Instagram @podcast_avidanofimdavida, que funciona como uma extensão visual e informativa do conteúdo em áudio. Os resultados indicam que o formato narrativo é uma ferramenta eficaz para comunicar temas sensíveis, promovendo empatia e ampliando o acesso da população à informação sobre o Alzheimer de forma acessível e humanizada.

Palavras-chave: Podcast narrativo. Doença de Alzheimer. Jornalismo literário. Saúde. *Storytelling*.

ABSTRACT

This study presents the development of a narrative podcast that examines the impact of Alzheimer's disease on patients, family members, and caregivers. The project aims to raise awareness, demystify the condition, and emphasize the importance of humanized care. Grounded in literary journalism (Traquina, 2005; Martinez, 2017) and audio storytelling theory (Silva, 2020; Bonini & Monclús, 2015; Lindgren, 2013), the research adopts journalistic methods such as in-depth interviews with healthcare professionals, caregivers, and specialists, as well as editing techniques tailored to podcast production. The podcast is structured into three episodes addressing the diagnosis, the caregiving process, and end-of-life experiences, also reflecting on the lives of those who remain. Dissemination takes place via the Instagram account @podcast_avidanofimdavida, which serves as a visual and informational extension of the audio content. The findings suggest that narrative podcasts are effective tools for communicating sensitive topics, promoting empathy, and broadening public access to information about Alzheimer's disease in a more accessible and human-centered manner.

Keywords: Narrative podcast. Alzheimer's disease. Literary journalism. Health. Storytelling.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Foto que inspirou a capa do podcast	35
Figura 2 - Capa do podcast A Vida no Fim da Vida	36

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. DOENÇA DE ALZHEIMER	14
2.1. Doença de Alzheimer na Arte	16
2.2. Doença de Alzheimer na Mídia	18
3. PRODUÇÃO JORNALÍSTICA	21
3.1. Apuração na área da Saúde	24
3.2. Jornalismo Literário	26
4. PODCAST	28
4.1. Produções na área da Saúde	30
4.2. Podcast Narrativo	32
5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO	33
5.1. Produção e Divulgação	34
5.2. Identidade Visual	35
5.3. Referências em Áudio	36
5.4. Construção dos Episódios	38
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho surge da vivência pessoal que tive com a Doença de Alzheimer, condição vivida de perto durante os oito anos em que minha avó, Dona Terezinha, esteve em tratamento. O diagnóstico, os desafios do cuidado, a adaptação familiar e o luto que sucedeu o falecimento fazem parte da criação deste projeto, que une experiências pessoais com o rigor acadêmico do jornalismo. Assim, o podcast narrativo desenvolvido neste Trabalho de Conclusão de Curso representa mais do que um produto midiático: é também uma forma de ressignificação da memória e de construção de sentido sobre o fim da vida.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com foco na Doença de Alzheimer e nos impactos subjetivos e sociais que ela provoca nas pessoas diretamente afetadas — pacientes, familiares e cuidadores. O trabalho se insere no campo da comunicação ao explorar narrativas construídas a partir de experiências reais e individuais, com o objetivo de ampliar a compreensão coletiva sobre o envelhecimento, sobre a perda da funcionalidade e sobre a morte e as despedidas.

A proposta parte de uma pergunta motivadora: como o jornalismo narrativo pode contribuir para a humanização do debate sobre a Doença de Alzheimer, a partir do compartilhamento de vivências de pacientes, cuidadores e profissionais da saúde? Para respondê-la, seguimos uma abordagem qualitativa, pautada na escuta sensível, na técnica da entrevista e na metodologia da história oral e da história de vida. Ao reunir relatos de familiares, cuidadores e especialistas, o trabalho busca dar visibilidade às vozes que muitas vezes permanecem à margem da cobertura jornalística tradicional. Como destaca Grisa (2003), a história de vida é uma ferramenta potente para compreender o sujeito em sua totalidade, situando-o em seu tempo, espaço e cultura.

Nesse contexto, a história oral configura-se como metodologia central, permitindo o resgate de memórias individuais que, quando organizadas e narradas, adquirem sentido coletivo. Segundo Lourdes Ana Pereira Silva (2013), a história oral, ao dialogar com a comunicação, abre espaço para abordagens sensíveis sobre temáticas complexas, como as que envolvem os vínculos familiares, o cuidado e o fim da vida. A autora defende que, ao adotar uma escuta ativa e respeitosa, a comunicação pode contribuir para uma narrativa mais justa e plural sobre o envelhecimento e a morte.

A estrutura do trabalho se organiza em capítulos que contextualizam e fundamentam a produção do podcast. O primeiro capítulo apresenta um panorama geral sobre a Doença de Alzheimer, sua fisiopatologia, impactos sociais e os desafios enfrentados por pacientes e cuidadores. Em seguida, o segundo capítulo analisa a presença da doença na mídia, discutindo

como os meios de comunicação representam — ou estigmatizam — essa condição. O terceiro capítulo trata da produção jornalística, explorando conceitos como apuração, ética e responsabilidade na cobertura de temas sensíveis. Na sequência, são discutidos o jornalismo literário e o audiojornalismo como ferramentas que permitem um mergulho mais profundo nas experiências humanas, conectando dados objetivos a histórias subjetivas.

O capítulo sobre podcast estabelece a relevância desse formato no cenário da convergência midiática, apresentando o podcast narrativo como um meio eficaz de sensibilização e informação. Por fim, os capítulos "Descrição do Produto" e "Construção dos Episódios" detalham o processo criativo e metodológico por trás da série produzida, composta por três episódios que abordam o diagnóstico, o cuidado e o fim da vida de pacientes com Alzheimer.

Assim, este trabalho propõe uma reflexão sobre a importância de narrativas sensíveis no debate público sobre o Alzheimer, sobre o cuidado e sobre a velhice. Contribui para fortalecer a presença do jornalismo literário no campo da comunicação em saúde e explora o podcast narrativo como um meio de informação que, mais do que informar, busca emocionar, gerar identificação e, sobretudo, ampliar a compreensão sobre uma doença que afeta milhares de famílias em todo o mundo.

2. DOENÇA DE ALZHEIMER

“Demência” é um termo amplamente utilizado para definir um conjunto de sintomas que afetam as funções cerebrais ligadas à memória, raciocínio, linguagem e comportamento. O relatório “*Global status report on the public health response to dementia*”¹, divulgado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), indica que mais de 55 milhões de pessoas vivem com demência. Esse número representa 13,5% entre homens e mulheres com 65 anos ou mais no mundo.

Em cinco anos, estima-se que haja 78 milhões de diagnósticos e, em 2050 os dados cheguem a 139 milhões. Entretanto, o projeto “*Global Burden of Disease*” propõe que esse número seja ainda pior: 150 milhões de pessoas terão algum tipo de demência em 2050, devido ao envelhecimento da população mundial. No Brasil, dados recentes do Ministério da Saúde aponta que há, aproximadamente, 2,71 milhões de pessoas vivendo com demência, o que representa cerca de 8,5% da população com 60 anos ou mais². A projeção é que esse número passe dos 5,5 milhões até 2050. Apesar dos dados, o Primeiro Relatório Nacional revela que 70% dos casos de demência no Brasil não são diagnosticados³.

A *Alzheimer’s Disease International* (ADI), observa que a cada 3 segundos há um novo caso de demência ocorrendo em algum lugar do mundo⁴. Segundo o Relatório Mundial de Alzheimer da ADI, dentre os diagnósticos de demência, 70% dos casos se trata da Doença de Alzheimer (DA). O estudo confirma ainda que, dentre as 70 mil pessoas entrevistadas em 155 países diferentes, 80% se preocupa em desenvolver demência⁵. É importante ressaltar que, embora nem toda demência seja um caso de DA, todo diagnóstico de Alzheimer configura um tipo de demência.

Tecnicamente, a Doença de Alzheimer é classificada como

Uma condição neurodegenerativa progressiva e irreversível, caracterizada por uma deterioração das funções cognitivas, especialmente a memória, a linguagem e as funções executivas. Os sintomas iniciais incluem perda de memória recente, dificuldades na fala e lapsos de memória, seguidos por

¹ Disponível em: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/344701/9789240033245-eng.pdf>. Acesso em: 12 fev, 2025.

² Disponível em:

<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2024/setembro/relatorio-nacional-sobre-a-demencia-estima-que-cerca-de-8-5-da-populacao-idosa-convive-com-a-doenca>. Acesso em: 12 fev, 2025.

³ Disponível em:

<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/ministerio-da-saude-debate-primeiro-relatorio-nacional-sobre-a-demencia-no-dia-21-de-setembro>. Acesso em 12 fev, 2025.

⁴ Estudo disponível em: <https://www.alzint.org/u/World-Alzheimer-Report-2024.pdf>. Acesso em 13 fev, 2025.

⁵ Disponível em: <https://www.alzint.org/about/dementia-facts-figures/>. Acesso em 13 fev, 2025.

déficits em habilidades visuoespaciais e atenção. Com o tempo, a doença pode levar a distúrbios comportamentais significativos, como agitação, depressão e alucinações. (NORTON et al., 2014, p. 1502).

A doença começa com uma alteração no funcionamento das células cerebrais. Essa disfunção acarreta sintomas além-cérebro, e é categorizada em quatro estágios⁶. No primeiro o paciente sente alterações na memória, na personalidade e nas habilidades visuais e espaciais. No segundo e terceiro estágios, aparecem as dificuldades para falar, comer, coordenar movimentos, além de deficiência motora progressiva. No estágio terminal surgem infecções intercorrentes, o que leva à restrição ao leito e por fim, a morte.

Diante da progressão da doença, a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) enfatiza a necessidade de uma abordagem abrangente nos cuidados com os pacientes, incluindo atenção primária à saúde, cuidados especializados, serviços baseados na comunidade, reabilitação, cuidados de longo prazo e cuidados paliativos. O impacto social do Alzheimer levou à criação de políticas públicas voltadas ao seu enfrentamento. Em 4 de julho de 2024, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou o Projeto de Lei nº 4.364/2020⁷, que tem como objetivo melhorar a qualidade de vida dos pacientes e de seus cuidadores. Entre as medidas previstas, estão a capacitação de profissionais de saúde, a detecção precoce da doença e a ampliação da assistência nos serviços de saúde.

O portal do Ministério da Saúde estabelece que:

O intuito da legislação é facilitar a disseminação de informação e apoiar a pesquisa clínica, inclusive mediante a colaboração com instituições internacionais. Também visa promover a educação da população sobre demências, reduzindo o estigma associado a essas condições e incentivando a solidariedade e a empatia na sociedade. (BRASIL, 2024)

A iniciativa foi apoiada pela Associação Brasileira de Alzheimer (ABRAz), que comemorou a sanção, dizendo se tratar de uma “lei histórica”. A presidente da ABRAz, Celene Pinheiro, destacou ainda que além de melhorar o diagnóstico e o tratamento, a lei fortalecerá o suporte aos cuidadores não profissionais e defenderá os direitos de todos os

⁶ Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/a/alzheimer>. Acesso em 14 mar, 2025.

⁷ Inteiro teor da Lei, disponível eM: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=2107447&filename=PL%204364/2020

0. Acesso em: 23 fev, 2025.

afetados pelas demências⁸. Outros veículos como o site Terra⁹ e o portal Estadão¹⁰ noticiaram a nova lei, trazendo os aspectos positivos da iniciativa e associando a decisão do presidente a uma resposta aos desafios que o envelhecimento populacional traz.

Antes mesmo da lei federal, em 2020 na Assembleia Legislativa de Mato Grosso tramitava o PL 766/2020¹¹, de autoria do então deputado Dr. Gimenez, que pretendia instituir um programa de orientação, apoio e atendimento aos pacientes, familiares e cuidadores dos portadores da Doença de Alzheimer e outras doenças neurodegenerativas no Estado. O Projeto foi arquivado em 2023, por falta de tramitação¹². Já em outubro de 2023, foi sancionada a Lei 12.260/2023¹³ de autoria do deputado Valdir Barranco, que objetiva a construção de ações nas áreas da saúde, assistência social, direitos humanos, educação, inovação e tecnologia para o enfrentamento do "Mal de Alzheimer", como o autor se refere a patologia.

Diante do avanço dos números de casos de demência e do impacto significativo que o diagnóstico causa tanto nos pacientes quanto em seus familiares e cuidadores, cresce a necessidade de maior conscientização e informação acessível à sociedade. Mas, para além dos esforços políticos, a forma como a doença e o paciente são retratados em produções artísticas influencia na redução do estigma e na percepção da sociedade. Por isso, trataremos a seguir sobre a Doença de Alzheimer na Arte.

2.1. Doença de Alzheimer na Arte

A arte tem o poder de sensibilizar, informar e dar visibilidade a temas complexos, como a Doença de Alzheimer (DA). No cinema, na literatura e nas artes visuais, a condição é retratada sob diferentes perspectivas, trazendo reflexões sobre memória, identidade e os desafios enfrentados por pacientes e familiares.

⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C7zm3ETP0Lx/>. Acesso em 27 fev, 2025.

⁹ Disponível em:

<https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude/lula-sanciona-lei-que-estabelece-plano-nacional-em-demencia,81cb c3d5928fdafd2cb3c74b95edfaeb0xhay4j4.html>. Acesso em 27 fev, 2025.

¹⁰ Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/saude/lula-sanciona-lei-que-estabelece-plano-nacional-em-demencia-nprm/>. Acesso em 27 fev, 2025.

¹¹ Inteiro teor disponível em: <https://www.al.mt.gov.br/storage/webdisco/cp/20200901101732161100.pdf>. Acesso em 27 fev, 2025.

¹² Tramitação do PL 766/2020 disponível em: <https://www.al.mt.gov.br/proposicao/cpdoc/83983/visualizar>. Acesso em: 27 fev, 2025.

¹³ Inteiro teor da Lei disponível em:

<https://www.al.mt.gov.br/norma-juridica/urn:lex:br:mato.grosso:estadual:lei.ordinaria:2023-09-29;12260>. Acesso em 27 fev, 2025.

Um dos exemplos mais recentes no cinema brasileiro é o ganhador do Oscar por Melhor Filme Internacional em 2025, *Ainda Estou Aqui*¹⁴, que alcançou mais de 5 milhões de espectadores em seu país de origem. A obra é adaptada do livro homônimo do escritor Marcelo Rubens Paiva, trouxe discussões como a ditadura militar no Brasil, a ascensão de herdeiros do regime e a Doença de Alzheimer. A personagem principal, interpretada em sua velhice por Fernanda Montenegro, sofre com a doença e protagoniza uma cena comovente ao reconhecer o marido – desaparecido durante o período ditatorial – em imagens transmitidas pela televisão. No livro, Marcelo descreve Eunice reagindo à lembrança do marido, o que é muito comum entre pacientes, uma vez que a perda se dá em memórias mais recentes.

Além de *Ainda Estou Aqui*, outras produções nacionais têm contribuído para ampliar o debate sobre o Alzheimer no cinema brasileiro. O longa *Antes que eu me Esqueça* (2018)¹⁵ narra a reaproximação de um pai, recém-diagnosticado, e seu filho, em uma trama que equilibra sensibilidade e leveza ao retratar os impactos da doença nas relações familiares. O documentário *Alzheimer na Periferia* (2018)¹⁶, premiado em festivais, oferece um olhar potente sobre o cotidiano de pessoas diagnosticadas em regiões de maior vulnerabilidade social, destacando as desigualdades no acesso ao cuidado. Mais recentemente, *Domingo à Noite* (2024)¹⁷, protagonizado por Marieta Severo, e *Kasa Branca* (2025)¹⁸, lançado no circuito nacional, aprofundam discussões sobre envelhecimento, autonomia e o papel dos cuidadores diante da progressão da doença.

No cenário internacional, obras como *Para Sempre Alice* (2014)¹⁹ e *Meu Pai* (2020)²⁰ ganharam destaque ao abordarem o Alzheimer com profundidade emocional e reconhecimento crítico. *Para Sempre Alice*, baseado no livro homônimo da neurocientista Lisa Genova, rendeu a Julianne Moore o Oscar e o Globo de Ouro de Melhor Atriz por sua atuação como uma professora diagnosticada precocemente. Já *Meu Pai* venceu o Oscar de Melhor Roteiro Adaptado e consagrou Anthony Hopkins com o prêmio de Melhor Ator ao interpretar um idoso em estágio avançado da doença, utilizando uma linguagem cinematográfica que convida o espectador a experienciar a confusão e a desorientação vividas pelo personagem. Essas obras, nacionais e estrangeiras, ao traduzirem em arte a experiência

¹⁴ Trailer disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_NzqP0jmk3o. Acesso em 29 abr, 2025.

¹⁵ Trailer disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yq2IXr-SryY>. Acesso em 29 abr, 2025.

¹⁶ Disponível pelo YouTube em: https://www.youtube.com/watch?v=sNg54_B8UBE. Acesso em 29 abr, 2025.

¹⁷ Disponível no YouTube em: <https://www.youtube.com/watch?v=XOrOEIV89YA>. Acesso em 29 abr, 2025.

¹⁸ Trailer disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ac5fp_7Be9I. Acesso em 29 abr, 2025.

¹⁹ Filme disponível dublado em: <https://www.youtube.com/watch?v=12FkQyxJEjg>. Acesso em 29 abr, 2025.

²⁰ Filme dublado disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1yCaEqc4u3U>. Acesso em 29 abr, 2025.

do Alzheimer, contribuem para sua humanização, ampliando a empatia e o entendimento social sobre os desafios enfrentados por pacientes e cuidadores.

A pintura também se tornou uma ferramenta poderosa para representar a progressão da doença. O artista William Utermohlen, ao ser diagnosticado com Alzheimer em 1995, iniciou uma série de autorretratos que documentam seu declínio cognitivo até 2001. Seus trabalhos revelam a transformação de sua percepção e habilidades motoras ao longo dos anos, tornando-se referência para médicos e estudiosos da doença. A *Chris Boicos Fine Arts*, galeria francesa que expôs suas obras, descreveu sua produção como “documentos artísticos, médicos e psicológicos únicos”.

Eles retratam um homem condenado, mas lutando para preservar sua identidade e seu lugar no mundo diante de uma doença implacável invadindo sua mente e sentidos. Com coragem e perseverança, o artista adapta em cada ponto seu estilo e técnica às crescentes limitações de sua percepção e habilidades motoras para produzir imagens que se comunicam com clareza e economia dentro de sua situação. Até o final, a cor, a pincelada e a linha mantêm sua vocação artística e expressiva, o resultado de uma vida inteira dedicada à observação visual e psicológica e à representação fiel dos fatos.

As obras de Utermohlen ilustram a luta silenciosa contra a perda de identidade, captando o sofrimento, a angústia e o desespero de ver a própria mente escapar de seu controle. Seus autorretratos não apenas servem como registros pessoais, mas também ajudam a compreender melhor a experiência dos pacientes com Alzheimer e o declínio cognitivo dos pacientes.

Seja por meio de retratos, filmes, músicas, fotografias ou literatura, a arte contribui para desconstruir estigmas e dar visibilidade aos pacientes. Ela não apenas retrata a doença, mas dá voz àqueles que, muitas vezes, são esquecidos. O Alzheimer deixa de ser apenas um diagnóstico e se torna uma experiência compartilhada, um testemunho do impacto da perda da memória e da identidade. Embora tenha sido explorada a forma como a DA é reproduzida em diversos meios artísticos, a seção adiante se concentra em analisar as esferas da construção da percepção pública por meio da mídia, com foco especial no jornalismo.

2.2. Doença de Alzheimer na Mídia

A Doença de Alzheimer tem ocupado cada vez mais espaço nas plataformas digitais e na cobertura jornalística, refletindo uma busca crescente por informações sobre saúde e qualidade de vida. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em

2023, cerca de 88% da população com 10 anos ou mais utilizava a internet no país²¹. Já uma pesquisa do Datafolha revelou que o Google é a principal ferramenta utilizada para tirar dúvidas sobre saúde²², citado por 59% dos entrevistados, enquanto as redes sociais aparecem com 23%. Quando se trata de confiança, no entanto, os médicos lideram, com 30% da preferência, seguidos pelo Google, com 19%. Esses dados demonstram o quanto o ambiente digital se consolidou como um espaço central na circulação de conteúdos sobre saúde — o que inclui, de maneira crescente, temas relacionados às demências.

No caso do Alzheimer, a internet e as redes sociais têm se mostrado ferramentas fundamentais não apenas para o compartilhamento de informações científicas, mas também para a construção de comunidades de apoio. Muitos perfis no Instagram, por exemplo, são voltados à orientação de cuidadores, incluindo páginas institucionais como as da Associação Brasileira de Alzheimer (ABRAz)²³ e da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG)²⁴, que juntas somam quase 100 mil seguidores. Esses espaços promovem rodas de conversa, cursos, lives e eventos com especialistas, contribuindo para a formação de cuidadores e a divulgação de práticas de cuidado humanizado.

Paralelamente, cresce também a presença de relatos pessoais: familiares que compartilham a rotina com pacientes, vídeos que mostram desafios e afeto, profissionais que oferecem orientações ou vendem produtos e cursos. Ao buscar o termo “Alzheimer” nas redes sociais, é comum que os primeiros resultados sejam voltados a experiências de cuidado e estratégias de convivência com a doença. Embora nem todo conteúdo tenha base científica, muitos relatos ajudam a humanizar a condição e a acolher emocionalmente quem vive essa realidade.

O papel da mídia tradicional (jornal, rádio e televisão) e da internet na construção da imagem pública da Doença de Alzheimer é, portanto, ambivalente. Ao mesmo tempo em que democratiza o acesso ao conhecimento e dá visibilidade ao tema, a cobertura midiática também tende, por vezes, à vulgarização. Ainda é recorrente encontrar representações que reduzem a condição à ideia de "perda de memória", sem aprofundar as múltiplas implicações cognitivas, emocionais e sociais que afetam tanto os pacientes quanto seus familiares. Como

²¹ Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41026-em-2023-87-2-da-s-pessoas-com-10-anos-ou-mais-utilizaram-internet#:~:text=Em%202023%2C%20na%20popula%C3%A7%C3%A3o%20estimada,87%2C%25%20em%202022.> Acesso em 27 fev, 2025.

²² Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/ciencia-e-saude/2023/05/5098193-datafolha-google-e-o-principal-meio-para-tirar-duvidas-sobre-saude-no-brasil.html>. Acesso em 27 fev, 2025.

²³ Perfil disponível em: <https://www.instagram.com/abrazalzheimer/>. Acesso em: 27 fev, 2025.

²⁴ Perfil disponível em: <https://www.instagram.com/sbggoficial/>. Acesso em 27 fev, 2025.

discutem Gutierrez e Silva (2007), essa abordagem limitada contribui para o estigma e dificulta a compreensão mais ampla do que é viver com a doença.

Além disso, há outro risco importante: o da desinformação. A Organização Mundial da Saúde alerta que a infodemia — excesso de informações, muitas vezes imprecisas — representa um obstáculo à tomada de decisões corretas no campo da saúde pública²⁵. Em um cenário em que vídeos virais e postagens sensacionalistas sobre curas milagrosas ou tratamentos alternativos ganham popularidade, torna-se urgente fortalecer o compromisso com a checagem de fatos e a divulgação de informações baseadas em evidências científicas.

Ainda assim, a internet tem se mostrado um espaço potente para a disseminação de conhecimento. Em fevereiro de 2024, por exemplo, a revista *Nature Medicine* publicou um estudo da Universidade de Pittsburgh que demonstrou a possibilidade de detectar indícios da Doença de Alzheimer por meio de biomarcadores sanguíneos até dez anos antes do aparecimento dos primeiros sintomas²⁶. A cobertura dessa descoberta foi ampla na imprensa digital, tornando a informação acessível a milhões de pessoas e reforçando o papel do jornalismo e da comunicação digital na difusão de avanços científicos.

Portanto, a representação midiática do Alzheimer cumpre um papel duplo: contribui para a conscientização e o enfrentamento da doença, ao mesmo tempo em que impõe desafios em relação à responsabilidade e à precisão das informações divulgadas. O equilíbrio entre o alcance das narrativas e a profundidade do conteúdo é essencial para que o discurso midiático não reforce estereótipos ou alimente expectativas irreais. Essa reflexão torna-se ainda mais relevante quando pensamos que, para muitas pessoas, a mídia é a principal — e por vezes única — fonte de informação sobre o tema.

Esse panorama reforça a importância de abordagens jornalísticas comprometidas com a apuração rigorosa e com a ética na transmissão de informações sobre a saúde. No capítulo a seguir, trataremos da apuração jornalística na área da saúde, com especial atenção à cobertura de doenças complexas como a Doença de Alzheimer, em que a precisão das informações é essencial para garantir a segurança e a compreensão do público.

²⁵ Estudo disponível em:

<https://www.who.int/news/item/23-09-2020-managing-the-covid-19-infodemic-promoting-healthy-behaviours-and-mitigating-the-harm-from-misinformation-and-disinformation>. Acesso em 11 abr, 2025.

²⁶ Estudo disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41591-024-03400-0>. Acesso em 11 abr, 2025.

3. PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

O jornalismo pode ser definido como a atividade de coletar, verificar, interpretar e divulgar informações de interesse público, tendo como base a precisão, a imparcialidade e a responsabilidade ética. Segundo Nelson Traquina (2005), o jornalismo desempenha um papel essencial na sociedade ao intermediar os acontecimentos e fornecer aos cidadãos dados confiáveis para a tomada de decisão. Ele destaca que, ao longo da história, os indivíduos buscaram formas de se manter informados sobre o que acontece ao seu redor e, o jornalismo, em suas diferentes manifestações, têm servido como meio para acompanhar os acontecimentos, combiná-los com conhecimentos prévios e participar de interações sociais.

Além disso, essa busca pela informação atende a uma necessidade humana de pertencimento e de compreensão do mundo, proporcionando segurança e conexão com a realidade. Nesse sentido, a informação não é apenas um recurso prático, mas um elemento fundamental para a construção da identidade coletiva e individual, permitindo que as pessoas façam sentido de suas experiências e interajam de maneira mais consciente com a sociedade.

Assim, a prática jornalística vai além da simples transmissão de notícias. Ao selecionar, contextualizar e interpretar informações, o jornalismo influencia a percepção social e a construção do conhecimento coletivo. Kovach e Rosenstiel (2014) destacam que sua essência reside na busca pela verdade, exigindo um compromisso rigoroso com a verificação dos fatos. Por sua vez, a verificação tem a função natural de desafiar as incertezas que são característica do jornalismo e que nenhum jornalista é imune, de acordo com Pereira Junior (2006, apud Santana, 2009).

Tamanha a importância da verificação no processo jornalístico, o Centro Europeu de Jornalismo desenvolveu um manual orientativo sobre desinformação e manipulação da mídia. O guia possui quatro capítulos com discussões sobre conceitos e estudos de casos. O *Verification Handbook*²⁷ apresenta ainda instruções de como investigar sites, verificar imagens, detectar robôs digitais, analisar anúncios em redes sociais e monitorar materiais produzidos em aplicativos de mensagens instantâneas.

Outro pilar essencial para a construção de informações precisas é a entrevista. Essa ferramenta funciona como um método essencial para a apuração de informações e a construção de narrativas informativas. Segundo Lage (2001), esse procedimento expande a consulta às fontes, permitindo não apenas a obtenção de dados, mas também a coleta de

²⁷ Disponível em Inglês, por meio do link:

<https://s3.eu-central-1.amazonaws.com/datajournalismcom/handbooks/Verification-Handbook-3.pdf>. Acesso em 04 mar, 2025.

interpretações e a reconstituição de fatos. No contexto jornalístico, as entrevistas podem assumir diferentes formatos conforme seus objetivos, podendo ser rituais, temáticas, testemunhais ou em profundidade. Além disso, variam de acordo com as circunstâncias em que ocorrem, podendo ser ocasionais, confrontos, coletivas ou dialogais. Essa diversidade de formatos reforça a necessidade de preparo por parte do repórter, que deve ser capaz de adaptar sua abordagem conforme o contexto da entrevista e o perfil do entrevistado.

A condução da entrevista exige mais do que um questionário bem elaborado, pois, como aponta Lage (2001), a eficácia do processo está diretamente ligada à habilidade do repórter em questionar sobre as respostas, conduzindo a conversa de forma dinâmica e exploratória. A insistência em perguntas improdutivas pode comprometer a fluidez da conversa, tornando-a menos eficiente. Além disso, a postura do jornalista desempenha um papel crucial, sendo necessário manter uma atitude de respeito e compreensão, evitando expressões de impaciência ou julgamentos que possam interferir na espontaneidade das respostas. Outro ponto relevante é a fidelidade ao conteúdo coletado: o jornalista deve evitar edições que deturpem o sentido da fala do entrevistado, garantindo que a personalidade e as declarações do entrevistado sejam transmitidas de forma íntegra ao público.

Dessa maneira, a entrevista não apenas fornece informações, mas também desempenha um papel fundamental na transparência e na ética jornalística, especialmente na cobertura de temas sensíveis como a saúde. No jornalismo especializado na área, entrevistar médicos, pesquisadores e pacientes permite que informações técnicas sejam traduzidas de forma acessível, contribuindo para o combate à desinformação e para a disseminação de conhecimentos embasados. A maneira como as perguntas são formuladas, o respeito ao entrevistado e a edição responsável do conteúdo são fatores determinantes para garantir que a entrevista cumpra seu papel informativo sem distorções.

Além de ser uma ferramenta essencial para a apuração, a entrevista também pode se tornar um recurso narrativo poderoso, aproximando o público da realidade dos personagens envolvidos. Essa perspectiva se conecta diretamente com o *New Journalism*, que nos anos 1960, segundo Pessa (2024), rompeu com a rigidez da objetividade tradicional, caracterizando-se pela integração de técnicas literárias na narrativa jornalística, desafiando as normas tradicionais de objetividade e imparcialidade. Este movimento permitiu que jornalistas adotassem uma abordagem mais subjetiva e estilisticamente rica em suas reportagens.

Autores como Tom Wolfe, Gay Talese, Norman Mailer e Truman Capote foram pioneiros nesse estilo, incorporando elementos da ficção, como diálogos completos, pontos de

vista em primeira pessoa e descrições detalhadas do cotidiano, transformando reportagens em narrativas envolventes. Ainda conforme Pessa (2024), no Brasil, o estilo chegou em 1966, com o lançamento, em São Paulo, da revista *Realidade* e do *Jornal da Tarde*, ambos trazendo reportagens que se aproximavam da literatura e que abrigaram toda uma geração de jornalistas-escritores.

Essa abordagem além de valorizar a figura do repórter como participante ativo dos acontecimentos, possibilita a liberdade criativa na descrição de detalhes como gestos, hábitos e ambientes, aproximando o jornalismo da literatura. Pela primeira vez o jornalismo explorou elementos subjetivos, aprofundando o relato humano. Embora essa vertente tenha trazido inovação, a credibilidade da informação continua sendo um princípio inegociável.

Na era digital, desafios inéditos emergiram. Com o amplo acesso às redes sociais, a disseminação de *fake news* tornou-se uma ameaça à confiabilidade da informação. Newman et al. (2023) apontam que a fragmentação da audiência e o consumo acelerado de notícias exigem novas estratégias para garantir a qualidade e o alcance do jornalismo profissional. Em 2016, o Dicionário Oxford elegeu o termo “pós-verdade” como a palavra do ano e, o maior jornal de circulação da Espanha, o *El País*, atribui a escolha a Trump e ao Brexit²⁸.

O verbete pode ser traduzido como “circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal”, e, segundo o Oxford, a primeira vez em que o termo foi utilizado foi em 1992, em um artigo de Steve Tsuchi na *The Nation*, onde o assunto era a Guerra do Golfo. No contexto, a “pós-verdade” vinha para explicar que a verdade não era mais tão relevante para a sociedade. Como aponta Souza (2019), “pós-verdade é a ampliação do leque das notícias falsas nesse território de predomínio da guia subjetiva da irrazão”. Desta maneira, a disseminação de desinformação passa a ser uma falha na produção jornalística e se torna estratégia de grupos de poder.

O ambiente digital se mostrou um terreno ainda mais fértil para o descompromisso com a informação jornalística. Em 2023, o Instituto Brasileiro de Pesquisas e Estatísticas (IBGE), registrou que 69% dos brasileiros usam as redes sociais para ler jornais, revistas ou notícias²⁹. Pouco antes disso, em 2022, o artigo *Snap judgements: how audiences who lack*

²⁸ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/16/internacional/1479308638_931299.html. Acesso em 08 mar, 2025.

²⁹ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41026-em-2023-87-2-da-s-pessoas-com-10-anos-ou-mais-utilizaram-internet>. Acesso em 8 mar, 2025.

*trust in news navigate information on digital platforms*³⁰ do Instituto Reuters, indicava que, no Brasil, 47% dos entrevistados usaram o Facebook especificamente para buscar notícias e 43% se informaram pelo aplicativo de mensagens WhatsApp. É justamente nesse cenário amplo de informações dúbias que se torna crucial entender como a apuração impacta diferentes áreas, especialmente no jornalismo em saúde, onde a precisão dos dados pode salvar vidas.

3.1. Apuração na área da Saúde

A apuração criteriosa é a base sobre a qual se sustenta a credibilidade no jornalismo, especialmente quando se trata da cobertura de temas sensíveis como a saúde. Sem uma verificação rigorosa dos fatos, a informação perde seu valor social e pode se transformar em um vetor de desinformação. Como enfatiza Schwaab (2021), não há notícia sem checagem, e esse princípio reforça a relação direta entre a qualidade do processo de apuração e a confiança do público nos veículos jornalísticos. Quando jornalistas confrontam fontes, analisam documentos e se baseiam em dados científicos sólidos, garantem não apenas a veracidade dos conteúdos, mas também a transparência e a responsabilidade na comunicação dos fatos.

Nesse sentido, a credibilidade jornalística emerge como um ativo indispensável na era da desinformação, onde a disseminação de notícias falsas sobre saúde pode comprometer políticas públicas e até colocar vidas em risco. Iniciativas como o Sistema de Indicadores de Credibilidade³¹ e o *The Trust Project*³² demonstram como organizações jornalísticas vêm adotando critérios mais rigorosos para tornar seus processos mais claros e confiáveis. Elementos como transparência na autoria, distinção entre reportagem e opinião, e o compromisso com a correção de erros são essenciais para consolidar a confiança do público. Assim, a apuração e a credibilidade caminham juntas: uma apuração bem-feita fortalece a confiança no jornalismo, enquanto a credibilidade conquistada garante que a informação continue sendo um pilar fundamental para a sociedade.

Entretanto, um dos principais obstáculos enfrentados pelos jornalistas na cobertura de temas tão sensíveis como a saúde é o combate à desinformação. Durante a pandemia de

³⁰ Disponível em:

<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/snap-judgements-how-audiences-who-lack-trust-news-navigate-information-digital-platforms>. Acesso em 08 mar, 2025.

³¹ Desenvolvido por uma coalizão de mais de 75 organizações de imprensa dos EUA e Europa, esse sistema visa aumentar a transparência no jornalismo digital - e seus critérios foram adotados por veículos como Folha de S. Paulo e Agência Lupa no Brasil.

³² A iniciativa reúne grandes veículos de comunicação e gigantes da tecnologia como o Facebook e o Google, com o objetivo de padronizar métodos e tornar claro os princípios éticos do jornalismo, permitindo que os algoritmos das plataformas priorizem conteúdos de qualidade. Disponível em: <https://thetrustproject.org/>. Acesso em 09 mar, 2025.

COVID-19, a rápida disseminação de *fake news* sobre vacinas e tratamentos ineficazes evidenciou os riscos da má apuração e o impacto da desinformação. Relatórios da Organização Mundial da Saúde (OMS) indicam que a chamada "infodemia"³³ — o excesso de informações, muitas delas falsas — dificultou a adoção de medidas sanitárias, reforçando a necessidade de um jornalismo responsável e baseado em evidências.

É nesse contexto que iniciativas como o *Projeto Comprova*³⁴ desempenham um papel fundamental. Estas plataformas se dedicam à verificação de informações médicas, analisando conteúdos virais e fornecendo checagens baseadas em estudos científicos, o que ajuda a construir um ambiente informativo mais confiável e seguro. Esse esforço se torna ainda mais crucial quando tratamos de doenças complexas, como o Mal de Alzheimer, que exigem precisão absoluta no tratamento da informação.

No caso do Alzheimer, a apuração jornalística assume um papel ainda mais crítico, dada a complexidade da doença e seu impacto tanto na comunidade científica quanto na sociedade em geral. A divulgação de pesquisas, tratamentos experimentais e medidas preventivas precisa ser conduzida com extrema cautela, uma vez que informações imprecisas podem gerar falsas esperanças, reforçar estigmas ou até mesmo incentivar práticas sem respaldo científico. Além disso, o jornalismo desempenha uma função social importante ao humanizar as histórias de pacientes e cuidadores, ajudando a ampliar a conscientização sobre os desafios diários enfrentados por aqueles que convivem com a doença.

Uma cobertura responsável deve levar em conta não apenas os avanços científicos, mas também os dilemas bioéticos que envolvem o cuidado com os pacientes. Segundo Gutierrez e Salmazo da Silva (2008), a assistência ao idoso portador de demência, como o Alzheimer, exige um olhar atento para questões que envolvem a autonomia do paciente, a relação com familiares e o trabalho das equipes multidisciplinares de saúde. Assim, a apuração jornalística precisa garantir que as informações sejam obtidas junto a fontes especializadas e verificadas com rigor, evitando conclusões simplistas ou alarmistas.

Além disso, o jornalismo tem a responsabilidade de contextualizar as descobertas científicas, explicando como novos estudos se inserem no cenário global da pesquisa sobre a doença e quais são os desafios reais para sua aplicação na prática clínica. Dessa forma, uma apuração criteriosa não apenas reforça a credibilidade da informação, mas também auxilia na

³³ Disponível em:

<https://www.who.int/news/item/23-09-2020-managing-the-covid-19-infodemic-promoting-healthy-behaviours-and-mitigating-the-harm-from-misinformation-and-disinformation>. Acesso em 24 fev, 2025.

³⁴ Iniciativa sem fins lucrativos liderada pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, disponível em: <https://projetoconprova.com.br>. Acesso em: 24 fev, 2025.

construção de um debate público mais informado e consciente sobre o Alzheimer e seus impactos sociais.

Diante da complexidade da saúde e do impacto humano que envolvem condições como o Alzheimer, o jornalismo pode recorrer a diferentes formatos narrativos para sensibilizar e engajar o público. O jornalismo literário, por exemplo, surge como uma ferramenta poderosa, permitindo que histórias reais sejam aprofundadas com técnicas narrativas envolventes. Essas narrativas exploram emoções, dilemas e vivências de pessoas afetadas por condições como o Alzheimer, oferecendo uma perspectiva mais acessível e impactante. Ao mesmo tempo, essa abordagem preserva o compromisso com a precisão e a ética jornalística, fundamentais para garantir que a informação seja transmitida de forma correta e respeitosa. No próximo tópico, exploraremos com mais detalhes o papel do jornalismo literário nessa abordagem.

3.2. Jornalismo Literário

O jornalismo literário é um estilo narrativo que se desenvolve por meio da combinação de elementos como descrição detalhada, personagens e cenários vívidos, além de uma estrutura mais fluida e envolvente. Essa prática tem se intensificado com a utilização das mídias digitais, que permitem uma exploração mais rica e multimodal das narrativas. Assim, o jornalismo literário se adapta aos novos tempos, mantendo sua essência de aprofundamento narrativo enquanto se integra às novas formas de comunicação, como blogs e reportagens interativas (Martinez, 2017).

Uma das características dessa vertente é a imersão do repórter na história. Em vez de apenas descrever os acontecimentos de forma impessoal, o jornalista se insere no contexto da narrativa, explorando detalhes subjetivos e emocionais que permitem ao leitor uma experiência mais próxima dos fatos relatados. Segundo Traquina (2005), essa abordagem torna a informação mais acessível e impactante, pois permite que o público se conecte com a história de maneira mais profunda.

Na cobertura de temas relacionados à saúde, o jornalismo literário tem um papel fundamental ao aproximar o leitor da realidade de pacientes, médicos e pesquisadores. Doenças como o Alzheimer, por exemplo, são frequentemente abordadas em reportagens técnicas e científicas, mas a inclusão de narrativas pessoais permite que a sociedade compreenda melhor o impacto humano da enfermidade.

A DA é uma doença que afeta milhões de pessoas no mundo, causando perda progressiva da memória, dificuldades cognitivas e impactos significativos na vida dos pacientes e de seus familiares. A cobertura jornalística tradicional tende a se concentrar em dados epidemiológicos, descobertas científicas e tratamentos médicos, mas o jornalismo literário pode ir além ao contar histórias de quem convive diretamente com a doença. Reportagens aprofundadas que exploram a rotina de um cuidador, a trajetória de um paciente ou os desafios enfrentados por pesquisadores oferecem uma perspectiva mais completa e sensível sobre a realidade do Alzheimer.

Além disso, o jornalismo literário pode ser uma ferramenta importante no combate à desinformação sobre a saúde, ao apresentar histórias reais e bem apuradas, fortalece a credibilidade da informação e ajuda a combater mitos e desinformação. Outro aspecto relevante é a capacidade desse estilo jornalístico de sensibilizar a sociedade e influenciar políticas públicas. Relatos humanizados sobre o Alzheimer podem gerar maior conscientização sobre a importância do diagnóstico precoce, do apoio aos cuidadores e do investimento em pesquisas. Reportagens que mostram o impacto emocional e financeiro da doença podem mobilizar a opinião pública e pressionar governos e instituições a destinarem mais recursos para a saúde e o bem-estar dos pacientes.

Em resumo, o jornalismo literário demonstra que a informação pode ir além da objetividade estrita, explorando narrativas envolventes sem comprometer a precisão dos fatos. Ao unir rigor investigativo e técnicas narrativas sofisticadas, essa vertente jornalística contribui para uma compreensão mais profunda dos acontecimentos e do impacto humano por trás das notícias. No próximo capítulo, exploraremos outra importante forma de contar histórias no jornalismo: o podcast, que vem ganhando espaço com o crescimento das narrativas sonoras.

4. PODCAST

Nos últimos anos, o podcast consolidou-se como um dos formatos de comunicação mais dinâmicos e acessíveis, tornando-se uma ferramenta essencial para a disseminação de informações e debates aprofundados sobre temas diversos, incluindo saúde, ciência e políticas públicas. Com a ascensão das plataformas de *streaming* e a popularização do consumo de áudio sob demanda, esse meio ganhou destaque não apenas pelo seu amplo alcance, mas também por sua capacidade de oferecer conteúdo especializado e segmentado. Esse crescimento se insere no contexto da chamada convergência midiática, conceito discutido por Henry Jenkins (2009), que descreve as transformações nas formas de produção, circulação e recepção de conteúdo. Para o autor:

“A convergência não ocorre através dos aparelhos, mas dentro do cérebro dos consumidores individuais e através de suas interações sociais com outros. Cada um de nós constrói seu próprio modo de compreender o mundo a partir da informação recebida através de múltiplos canais de mídia. A convergência não é apenas uma mudança tecnológica, mas também cultural. Os consumidores estão aprendendo a exercer controle sobre os fluxos de mídia e, nesse processo, estão aprendendo a tornarem-se participantes mais ativos nas culturas midiáticas” (JENKINS, 2009, p. 27).

Nesse cenário, o podcast pode ser compreendido como uma expressão contemporânea do que pesquisadores como Kischinhevsky (2019) chamam de “rádio expandido”, que ultrapassa as limitações do dial tradicional ao incorporar recursos da internet, como hipertextualidade, mobilidade e interatividade. O rádio deixa de ser apenas linear e unidirecional, transformando-se em uma linguagem que se adapta aos hábitos de escuta sob demanda, característica central do podcast.

Além disso, o podcast se alinha ao conceito de rádio hipermediático (Lemos, 2010), por integrar voz, texto, imagem, metadados e links, permitindo uma experiência de escuta mais rica e personalizada. Essa transformação amplia as possibilidades narrativas e fortalece o podcast como um meio de comunicação que dialoga com o jornalismo, a educação e o entretenimento — consolidando-se como ferramenta potente, especialmente em temas sensíveis e de interesse social, como a Doença de Alzheimer.

Segundo a PodPesquisa 2024/2025³⁵, realizada pela Associação Brasileira de Podcasters (ABPod), o Brasil possui atualmente cerca de 32 milhões de ouvintes de podcast, e 40,23% dessas pessoas consomem esse tipo de conteúdo diariamente. O relatório também

³⁵ Disponível em: https://abpod.org/wp-content/uploads/2024/10/PodPesquisa_2024_2025FINAL-1.pdf. Acesso em 09 abr, 2025.

revela que o *Spotify* continua sendo a principal plataforma de escuta, utilizada por 49,71% dos ouvintes, seguido pelo *YouTube*, com 25,57%. Além disso, conteúdos sobre saúde e bem-estar representam 10,27% das preferências dos ouvintes, o que demonstra um campo promissor para iniciativas voltadas à informação e à conscientização nessa área.

No contexto da Doença de Alzheimer e da conscientização sobre demências, os podcasts desempenham um papel fundamental na difusão de conhecimento acessível e na construção de narrativas que ajudam a reduzir o estigma da doença, com exemplo temos o *DrauzioCast*³⁶, produzido pelo Dr. Drauzio Varella e que aborda diversos assuntos em Saúde, de aids à importância de lavar as mãos. Esse formato possibilita que informações de qualidade alcancem diferentes públicos de maneira envolvente e educativa.

Segundo Kischinhevsky (2016), o podcast pode ser definido como "uma modalidade de radiofonia sob demanda, assíncrona, que vai além da oferta de conteúdos em websites de emissoras". Já Larson (2011) o descreve como um formato de produção sonora no qual "o rigor jornalístico é combinado com a liberdade de maneiras que não consideramos antes". Essa flexibilidade permite que profissionais da comunicação abordem questões complexas, como o impacto do Alzheimer na sociedade e nas famílias, de maneira aprofundada e acessível ao público geral.

Embora seja frequentemente associado à era digital, o podcast passou por transformações significativas desde sua origem. Inicialmente, consistia, em grande parte, em sequências musicais escolhidas por internautas ou monólogos que funcionavam como *audioblogs*, verdadeiros diários em voz alta. No entanto, como observa Kischinhevsky (2016), rapidamente esse formato evoluiu, incorporando elementos mais sofisticados, como locuções, efeitos sonoros e trilhas, aproximando-se dos padrões radiofônicos tradicionais e, ao mesmo tempo, introduzindo formatos inovadores. Hoje, é comum encontrar podcasts voltados à divulgação científica e ao jornalismo especializado, com conteúdos produzidos por médicos, pesquisadores e jornalistas, abordando desde os avanços no tratamento do Alzheimer até os desafios enfrentados por cuidadores e familiares. Bonini (2020) aprofunda essa análise ao definir o podcast como:

Uma tecnologia para distribuição, recepção e escuta sob demanda de conteúdo sonoro produzido por tradicionais editores, como rádios, companhias editoriais, jornalistas e instituições educacionais, ou criado por produtores independentes de rádio, artistas e amadores. (BONINI, 2020).

³⁶ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/5SWaT0blo4yKdyTJ51sM9o?si=82fdf271b51b4db8>. Acesso em 27 abr. 2025.

Essa democratização do acesso à informação também se reflete na cobertura jornalística sobre demências. Gallego (2005, apud Bonini, 2020) argumenta que o *podcasting* possibilitou um modelo “artesão” de se fazer rádio, permitindo a criação de conteúdos aprofundados e humanizados sobre temas de interesse público. Além disso, Dearman e Galloway (2005, apud Bonini, 2020) analisam o *podcasting* como uma inovação disruptiva, caracterizando-o como uma "tecnologia de escape", na qual qualquer indivíduo pode publicar conteúdo sem depender dos tradicionais centros de comunicação. Isso tem sido particularmente relevante para ampliar o debate sobre Alzheimer e outras demências, trazendo vozes de especialistas, pacientes e cuidadores para o centro da discussão.

Com a crescente adesão do público aos podcasts e sua capacidade de abordar temas com profundidade e acessibilidade, esse formato tem se mostrado uma ferramenta valiosa na disseminação de informações sobre saúde. Nos últimos anos, os podcasts voltados para temas médicos e bem-estar têm ganhado espaço, tornando-se uma importante ponte entre especialistas e a população. Seja para divulgar avanços científicos, compartilhar experiências de pacientes ou orientar sobre a prevenção de doenças, esses conteúdos desempenham um papel essencial na promoção da saúde e na ampliação do acesso ao conhecimento médico.

4.1. Produções na área da Saúde

A produção de podcasts na área da saúde tem se consolidado como uma estratégia inovadora e eficaz para disseminar informações e educar o público. Com o crescimento das plataformas de streaming e a popularização do consumo de conteúdo sob demanda, o podcast se apresenta como uma ferramenta acessível que pode alcançar uma ampla audiência, independentemente de sua localização. O “*Podcasting Industry Report Specifically for Independent Podcasters*” apontou a existência de 34,650 podcasts ativos³⁷ em 19 de fevereiro de 2025. Mas, apesar do volume, Amador et al. (2023) aponta que, embora os conteúdos de saúde sejam amplamente utilizados para a educação de profissionais e estudantes, há uma escassez de material voltado especificamente para o público geral, especialmente para o auxílio no tratamento de condições como o Alzheimer.

Mesmo assim, a relevância dessa mídia como recurso de educação popular e a promoção da adesão ao tratamento têm se mostrado promissora. Como afirmam os autores, "o podcast deve ser considerado como estratégia para aumentar a adesão ao tratamento e o comprometimento do indivíduo, especialmente em populações mais vulneráveis". Um

³⁷ Disponível em: <https://podmatch.com/report>. Acesso em: 19 fev, 2025.

exemplo disso é o "Alzheimer/Demência: Conhecer Para Conviver"³⁸, que tem participação de profissionais da área da saúde e orienta sobre as fases da doença, sendo uma ferramenta essencial para reduzir o estigma social associado à doença e incentivar os cuidadores a aderirem às orientações terapêuticas.

Nesse sentido, os podcasts não apenas auxiliam na educação sobre doenças como o Alzheimer, mas também engajam pacientes e familiares, promovendo um espaço de colaboração e troca de informações que facilita a compreensão e gestão da doença. Ao permitir a participação ativa dos pacientes e cuidadores na criação e disseminação do conteúdo, essa ferramenta tem o potencial de fortalecer a parceria entre profissionais de saúde e os indivíduos afetados, contribuindo para um cuidado mais humanizado e eficaz.

O podcast "Cuidando de um familiar com Alzheimer"³⁹, é um exemplo. Feito por familiares-cuidadores, ele aborda temas cruciais como o cansaço, a falta de suporte social e a importância do autocuidado para quem cuida, tópicos essenciais para qualquer profissional que lida com pacientes com demência. Esse tipo de produção oferece uma perspectiva autêntica e direta sobre os desafios enfrentados no dia a dia, permitindo que médicos, enfermeiros e outros profissionais da saúde compreendam melhor as necessidades emocionais, psicológicas e práticas dos pacientes e de seus familiares. Além disso, permite que a experiência do paciente seja incorporada de maneira mais prática e personalizada nas intervenções médicas e terapêuticas, promovendo um cuidado mais sensível e eficaz.

Essa troca de experiências, mediada pela tecnologia do podcast, é uma ferramenta poderosa para melhorar a comunicação entre pacientes, cuidadores e profissionais de saúde, além de reforçar a importância da escuta ativa no processo de cuidado. Esse engajamento facilita uma abordagem mais holística e personalizada no tratamento de doenças neurodegenerativas, garantindo que as necessidades emocionais, práticas e psicológicas sejam devidamente atendidas.

4.2. Podcast Narrativo

O podcast narrativo é um formato que se apoia no *storytelling* como principal recurso de construção comunicacional. Diferente de uma simples exposição de fatos, o *storytelling* estrutura a informação por meio de histórias, explorando aspectos emocionais, sensoriais e

³⁸ Podcast da Associação de Parentes e Amigos de Pessoas com Alzheimer (APAZ), disponível em: <https://open.spotify.com/show/5ffkZd7NXfWdF0TGzU01Q?si=dfe5066cc80f4229>. Acesso em 19 fev, 2025.

³⁹ Disponível no Spotify pelo link: <https://open.spotify.com/show/4U3jYn8MdHjzn3pyodUH5F>. Acesso em 09 abr, 2025.

subjetivos para criar conexões mais profundas com o ouvinte. Segundo Silva (2020), o *storytelling* no jornalismo "permite um tipo de narrativa que aproxima o público da informação por meio da empatia, contribuindo para a compreensão de temas complexos a partir de experiências individuais". Esse recurso transforma a informação em experiência, e tem se mostrado especialmente eficaz em formatos sonoros, como o podcast.

Nos últimos anos, o podcast narrativo tem se consolidado como uma ferramenta poderosa de comunicação, ao reunir elementos do jornalismo literário, da oralidade e da reportagem imersiva. Conforme apontam Bonini e Monclús (2015), esse modelo representa uma fusão entre o rádio tradicional e as novas tecnologias digitais, permitindo que vozes antes invisibilizadas ganhem espaço. A combinação entre entrevistas, dados científicos e relatos pessoais cria um ambiente sonoro envolvente, que facilita a compreensão de assuntos complexos, como os relacionados à saúde e ao bem-estar social.

O formato narrativo permite que relatos sejam contados diretamente pelas personagens, e, no caso deste trabalho, por pessoas envolvidas, conferindo autenticidade, autoridade e profundidade à informação. Essa subjetividade também se manifesta no jornalismo narrativo, que se aproxima da abordagem dos podcasts ao enfatizar as experiências pessoais como forma de transmitir informações. Como aponta Lindgren:

O crescimento do jornalismo pessoal e subjetivo é ilustrado de duas formas: primeiro por jornalistas, como a própria Coward, participando da história e compartilhando suas experiências; e, em segundo lugar, por jornalistas que adotam uma abordagem de contação de histórias para o desenvolvimento de seu jornalismo, enfatizando as experiências pessoais dos sujeitos da história." (LINDGREN, 2013, p. 115)

No contexto da saúde, essa abordagem possibilita a disseminação de informações científicas de maneira menos técnica e mais acessível, unindo a subjetividade da experiência pessoal com a transmissão de informações precisas. Segundo o "*Digital News Report 2023*" do Reuters Institute, o consumo de podcasts tem crescido mundialmente, com uma parcela significativa dos ouvintes buscando conteúdos educativos e informativos.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O podcast tem como objetivo principal abordar o Alzheimer sob uma perspectiva humanizada e acessível. A proposta é oferecer um espaço de escuta e informação, unindo a sensibilidade do jornalismo narrativo com a credibilidade da apuração jornalística. Com duração média de 10 minutos por episódio, a produção adota um formato narrativo, combinando entrevistas com técnicas do jornalismo literário para aprofundar a experiência dos ouvintes. A narração será conduzida pela autora deste trabalho, garantindo um fio condutor coeso e envolvente ao longo dos episódios.

Dividido em três partes, o podcast explora diferentes momentos da jornada da doença. O primeiro episódio se concentra no diagnóstico, abordando os primeiros sinais, desafios e a importância da informação qualificada para quem recebe a notícia. O segundo episódio trata do cuidado diário, destacando tanto os aspectos técnicos quanto as emoções envolvidas na rotina de familiares e profissionais da saúde. Já o terceiro episódio aborda o fim da vida e a realidade de quem fica, trazendo reflexões sobre luto, memória e a reconstrução da vida após a despedida. Essa estrutura possibilita um panorama amplo do impacto da doença, permitindo que os ouvintes se identifiquem com as diferentes etapas do processo.

A narrativa do podcast foi pensada de maneira a evitar o uso de jargões excessivamente técnicos para garantir que o conteúdo possa ser compreendido por qualquer ouvinte, independentemente de seu nível de conhecimento sobre o tema. A proposta é que o público se sinta acolhido, reconhecendo nas histórias narradas experiências semelhantes às suas. Para isso, além de especialistas da área da saúde, como médicos, neurocientistas e terapeutas, o programa traz depoimentos de cuidadores e familiares, trazendo relatos pessoais que ilustram a complexidade da doença e seus impactos emocionais, sociais e financeiros.

Mais do que um projeto informativo, este podcast tem o compromisso de sensibilizar e quebrar estigmas em torno do Alzheimer. A doença ainda é cercada por tabus e desinformação, o que pode gerar medo e preconceito. Ao humanizar tanto os pacientes quanto os cuidadores, a proposta é mostrar que há vida mesmo diante da finitude, que o afeto e o vínculo permanecem mesmo quando a memória falha. Além disso, o programa reforça a importância da humanização no atendimento médico e no cuidado diário, destacando o impacto da empatia na qualidade de vida dos envolvidos.

5.1. Produção e Divulgação

A produção do podcast segue uma estrutura planejada para garantir qualidade técnica e narrativa. O início do processo se deu com a definição do tema, seguido de estudo e busca por referências de estilo e conteúdo. Em seguida foi a etapa de apuração e a busca por fontes que poderiam colaborar com este trabalho. Por fim, a roteirização, as entrevistas, edição e pós-produção do podcast.

Como o formato adotado é narrativo, a construção do roteiro equilibra informação e emoção, intercalando trechos de narração com falas dos entrevistados para proporcionar dinamismo ao público. Para assegurar um áudio limpo e profissional, tanto narração quanto entrevistas presenciais serão gravadas com o microfone Hollyland Lark M2, conhecido por sua alta fidelidade e clareza de áudio, garantindo que a voz tenha um tom natural e envolvente. Para otimizar ainda mais a qualidade sonora, será aplicada uma técnica de isolamento acústico, reduzindo ruídos externos quando necessários, e reverberações indesejadas. Esse cuidado é essencial para proporcionar uma experiência imersiva ao ouvinte, especialmente considerando a sensibilidade do tema abordado.

As entrevistas foram conduzidas tanto de forma presencial quanto *online*, de acordo com a disponibilidade dos participantes, e registradas com equipamentos de captação de áudio adequados para cada situação. Todo o material passa por um processo minucioso de escuta para a seleção dos melhores trechos. Os ajustes no áudio, inserção de trilha sonora e efeitos de sonoplastia que contribuem com a ambientação da narrativa são feitos no *Adobe Premiere Pro*, com alguns recursos extraídos gratuitamente do site *Pixabay*⁴⁰. A edição tem o objetivo de criar uma experiência fluida e emocionalmente impactante, respeitando o tom sensível da abordagem.

Para ampliar o alcance do podcast e atingir o público-alvo de maneira estratégica, a divulgação será realizada em diversas frentes. O conteúdo é distribuído gratuitamente na plataforma de *streaming* de áudio *Spotify*⁴¹, permitindo acesso facilitado ao público interessado. Além disso, exploramos estratégias de comunicação digital, como postagens em redes sociais, para atrair ouvintes e estimular compartilhamentos orgânicos.

Uma parte essencial dessa estratégia foi a criação de um perfil no Instagram⁴², que funcionará como uma fonte de apoio visual para o podcast. Esse espaço complementa os

⁴⁰ Disponível em: <https://pixabay.com/>. Acesso em 27 abr, 2025.

⁴¹ Perfil do podcast disponível em: https://open.spotify.com/show/3YFI5PkTK12x3sKzdWLAf?si=GVTU8xQsSbqRP2w5PfAAHA&nd=1&dlsi=f_cff0a507f7a48be. Acesso em 26 abr, 2025.

⁴² Disponível em: https://www.instagram.com/podcast_avidanofimdavida. Acesso em 08 abr, 2025.

temas abordados nos episódios, oferecendo conteúdo informativo, bastidores, trechos das entrevistas e materiais de apoio para pacientes e cuidadores. O perfil também é um canal de interação direta com o público, permitindo que os ouvintes compartilhem suas experiências.

Além do perfil no Instagram, a divulgação é impulsionada pelo uso de *hashtags* estratégicas, que facilitam o alcance orgânico do conteúdo e permitem que ele seja encontrado por quem busca informações sobre o Alzheimer e os desafios enfrentados por pacientes e cuidadores. O uso dessa ferramenta contribui para ampliar a visibilidade do podcast, inserindo-o em comunidades que discutem saúde, bem-estar e envelhecimento com qualidade de vida.

Esse contato direto com a audiência contribui para fortalecer o impacto do podcast, tornando-o um espaço de troca e acolhimento, além de possibilitar a adaptação do conteúdo às necessidades reais de quem vivencia o Alzheimer no dia a dia. Dessa forma, a produção e a divulgação do podcast caminham juntas para garantir um alcance significativo e um impacto positivo na sociedade.

5.2. Identidade Visual

A identidade visual da capa do podcast foi pensada para traduzir, em imagem e cor, a sensibilidade do tema abordado ao longo dos episódios. A arte foi desenvolvida pela artista visual mato-grossense Fernanda Fidelis ‘Ferpa’, e representa duas mãos se tocando. Este elemento foi uma solicitação pessoal, inspirada por uma fotografia ao lado de dona Terezinha, a inspiração deste trabalho.

Figura 1: Foto que inspirou a capa do podcast



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A foto retrata as mãos das duas unidas e simboliza, de maneira simples e potente, o vínculo de afeto, cuidado e presença que molda a experiência do Alzheimer em tantas

famílias. Mais do que estética, a escolha das mãos representa um gesto cotidiano de conexão, conforto e despedida — uma memória visual que reforça o caráter humano da narrativa apresentada no podcast.

Figura 2 - Capa do podcast A Vida no Fim da Vida



Fonte: Arte ilustrada por Ferpa com edição desta autora

A paleta de cores escolhida contempla o vermelho, o lilás e o roxo. O lilás, em especial, foi adotado de forma central por carregar simbolicamente a conscientização da Doença de Alzheimer e ser amplamente usado em campanhas sobre a doença. O tom suave e ao mesmo tempo marcante dessa cor traduz a mistura de dor, amor e memória que permeia o dia a dia de pacientes, familiares e cuidadores. O vermelho aparece como símbolo da vida, da intensidade das emoções vividas e da força dos laços afetivos. Já o roxo complementa a paleta ao evocar profundidade e introspecção, características presentes na narrativa do podcast.

A composição visual comunica, já na capa, que este é um projeto feito com empatia e escuta atenta, dedicado a quem vive a doença de perto. A identidade visual cumpre, assim, um papel essencial: acolher o público logo no primeiro contato e reforçar a proposta do podcast de trazer à tona histórias reais, carregadas de emoção, sem perder de vista o cuidado com a informação e o respeito com os personagens retratados.

5.3. Referências em Áudio

A construção deste podcast exigiu um olhar atento para produções já consolidadas no meio, mesmo que tratem de temas distintos. A análise de referências permite compreender diferentes abordagens narrativas, estratégias de engajamento e a maneira como o jornalismo

pode se articular dentro do formato. Algumas produções se destacam pela qualidade da apuração, pelo uso de *storytelling* e pela capacidade de sensibilizar o público, características fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Entre elas, destacam-se os podcasts "Praia dos Ossos"⁴³, "Crime e Castigo"⁴⁴, "Faxina"⁴⁵ e "Ciência ao Pé do Ouvido"⁴⁶, cada um contribuindo, à sua maneira, para a concepção deste projeto.

O podcast "Praia dos Ossos", produzido pela Rádio Novelo e apresentado por Branca Vianna, reconstrói o assassinato de Ângela Diniz, ocorrido em 1976. A produção vai além da reconstituição do crime e se aprofunda na análise da cultura machista da época e nos desdobramentos jurídicos do caso. A maneira como a narrativa conduz o ouvinte, intercalando entrevistas, documentos históricos e análise social, demonstra o potencial do formato para contar histórias reais de forma envolvente e reflexiva. Esse modelo narrativo serviu de inspiração para estruturar o podcast deste trabalho, que também busca dar voz a diferentes personagens e aprofundar a compreensão sobre um tema sensível.

Outra referência importante é "Crime e Castigo", também da Rádio Novelo, que se debruça sobre o sistema de justiça brasileiro, explorando dilemas entre punição e justiça por meio de casos emblemáticos. A abordagem crítica e a pluralidade de fontes são aspectos relevantes dessa produção, que reforçam a necessidade de um jornalismo aprofundado, sem simplificações. Da mesma forma, este projeto pretende trazer múltiplos olhares sobre o Alzheimer, ouvindo pacientes, familiares e especialistas para apresentar um panorama completo sobre a doença e seus impactos.

O podcast "Faxina", por sua vez, apresenta histórias de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos, abordando temas como trabalho, adaptação e identidade. Criado e narrado por Helô D'Angelo, o programa se destaca pela intimidade da narrativa e pela forma como aproxima o ouvinte das experiências dos personagens. Essa abordagem humanizada e sensível foi um ponto de referência essencial para este trabalho, que busca dar protagonismo às vozes de pacientes e cuidadores, evitando um tom excessivamente técnico ou distante.

Por fim, o podcast "Ciência ao Pé do Ouvido", produzido pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), demonstrou a possibilidade de abordar temas científicos de forma acessível, sem perder a precisão da informação. Voltado para a divulgação científica, ele equilibra entrevistas com especialistas e uma linguagem didática para tornar o conhecimento

⁴³ Disponível no link: <https://open.spotify.com/show/2Kki0lWqyMWegWAFe2mZOg>. Acesso em 22 mar, 2025.

⁴⁴ Disponível no link: <https://open.spotify.com/show/7BgdFMr0pE3CMSV5t8MZSQ>. Acesso em 22 mar, 2025.

⁴⁵ Três temporadas disponíveis no link: <https://open.spotify.com/show/5PsEx5bCrOa1ScH66QNMxz>. Acesso em 22 mar, 2025.

⁴⁶ Episódio sobre Doença de Alzheimer disponível no link: <https://open.spotify.com/episode/3pOO9RFdh3KI51lgObkeWa>. Acesso em 22 mar, 2025.

mais próximo do público. Essa característica foi fundamental para a construção deste projeto, que pretende discutir o Alzheimer de maneira clara e compreensível, sem restringir a informação a um público especializado.

Assim, a análise dessas referências ajudou a definir o tom, a estrutura e a abordagem do podcast desenvolvido neste trabalho. A junção de uma narrativa envolvente, a diversidade de fontes e o compromisso com a informação acessível formam a base desta produção, que busca sensibilizar e informar, seguindo os princípios do bom jornalismo narrativo.

5.4. Construção dos Episódios

A construção dos episódios segue uma estrutura pensada para abordar o Alzheimer de maneira sensível, informativa e acessível. São três episódios, cada um focado em uma etapa da doença, desde o diagnóstico até o impacto da perda para os familiares cuidadores. O objetivo é trazer uma abordagem humanizada, destacando os desafios, mas também o carinho e a dedicação que permeiam o cuidado com o paciente.

O primeiro episódio trata do diagnóstico, uma fase que pode ser desafiadora tanto para os pacientes quanto para suas famílias. Muitas vezes, os primeiros sintomas são confundidos com sinais normais do envelhecimento, o que pode atrasar a busca por ajuda médica. Para aprofundar essa discussão, a busca é por um profissional da medicina, que trará informações sobre as dificuldades no fechamento do diagnóstico e os impactos dessa incerteza no tratamento e na vida dos familiares.

No segundo episódio, abordamos o processo de adaptação e convivência com a doença. Cuidar de alguém com Alzheimer exige aprendizado constante, paciência e resiliência, e muitos familiares assumem esse papel sem qualquer preparo prévio. Para ilustrar essa realidade, conversamos com familiares-cuidadores, que compartilham suas experiências sobre os desafios diários, a necessidade de criar novas rotinas e o impacto emocional de se dedicar ao outro. Esse episódio busca não apenas relatar as dificuldades, mas também oferecer um olhar acolhedor para aqueles que vivem essa experiência.

O terceiro e último episódio trata da fase final da doença, um momento de despedida e ressignificação para os familiares. A perda de um ente querido deixa um vazio imensurável, e lidar com esse luto pode ser um processo longo e complexo. Para trazer uma perspectiva sobre esse tema, entrevistamos um profissional da área da saúde, que aborda justamente a importância do acompanhamento profissional para os que ficam. Além disso, reforçamos a ideia de que há vida mesmo nesse fim, mostrando que, apesar da dor, muitas memórias e

vínculos permanecem. Queremos transmitir que o paciente é, antes de tudo, uma pessoa que ainda está ali, mesmo sem saber onde é aquele "ali".

Além das entrevistas e da narração, a sonorização terá um papel fundamental na construção da atmosfera de cada episódio. Sons ambientes, trilhas sutis e silêncios estratégicos são utilizados para reforçar as emoções presentes nos relatos e na narrativa. A escolha dos elementos sonoros é feita com o intuito de criar uma experiência imersiva e respeitosa, evitando qualquer tom sensacionalista. O Alzheimer é uma doença que afeta a percepção da realidade, e o podcast buscará traduzir essa sensação por meio do som, criando momentos de maior envolvimento emocional para o ouvinte. Dessa forma, além de informar, os episódios permitem que o público sinta, ainda que por instantes, a complexidade desse universo.

Outro aspecto essencial na construção dos episódios é a acessibilidade da linguagem. O objetivo não é apenas atingir especialistas ou pessoas que já possuem conhecimento prévio sobre o Alzheimer, mas também dialogar com familiares, cuidadores e qualquer pessoa interessada no tema. Para isso, evitamos jargões técnicos e priorizamos uma abordagem clara e envolvente, que permite ao ouvinte compreender a realidade da doença sem se sentir perdido em termos médicos. A combinação entre informação e emoção é o alicerce de cada episódio, garantindo que o podcast cumpra sua missão de sensibilizar e oferecer suporte a quem enfrenta essa jornada.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais do que cumprir uma etapa acadêmica, a produção do podcast *A vida no fim da vida* representou, para mim, um compromisso profundamente pessoal. Desde o início, ficou claro que este trabalho não seria apenas sobre jornalismo, Alzheimer ou narrativas sensíveis — seria, acima de tudo, sobre a memória da minha avó, Dona Terezinha, e sobre tudo que vivemos nos oito anos em que convivemos com a doença. Carregar essa história me deu a força necessária para transformar dor em escuta, e luto em narrativa.

Ao longo do processo, percorri caminhos que exigiram apuração cuidadosa, sensibilidade ética e técnica, e uma dedicação emocional que por vezes me sobrecarregou. Produzir um podcast narrativo envolveu mais do que técnica: foi necessário mergulhar em histórias, buscar fontes confiáveis, construir roteiros respeitosos e pensar na escuta do outro como parte essencial da comunicação.

Um dos maiores desafios enfrentados foi a escassez de dados sobre Alzheimer em Mato Grosso, as informações ainda são escassas, dispersas e, muitas vezes, subnotificadas. Isso exigiu um esforço redobrado na pesquisa e na construção de uma narrativa que contemplasse também esse apagamento — o silêncio estatístico que reflete o silêncio social sobre o tema. Apesar disso, encontrei vozes potentes, relatos generosos e profissionais dispostos a colaborar com a construção de um conteúdo que fosse, ao mesmo tempo, informativo e acolhedor.

A experiência de produzir este podcast foi transformadora. Percebi o poder do áudio em criar vínculos afetivos, dar voz ao que muitas vezes é calado e oferecer acolhimento em meio à informação. Trabalhar com narrativas sonoras me permitiu explorar uma linguagem mais íntima, onde a escuta se torna também um gesto de cuidado.

Mais do que uma etapa acadêmica concluída, este trabalho representa o cumprimento de uma promessa silenciosa — feita nos gestos, nos silêncios e nos dias vividos ao lado da minha avó. Prometi a mim mesma que a história dela não se perderia, e que outras tantas, invisibilizadas pelo esquecimento, também encontrariam espaço. A defesa deste TCC não marca apenas o fim de uma jornada universitária. Marca a transformação da dor em propósito, da experiência pessoal em compromisso coletivo. É o início de um legado que se propõe a narrar com afeto, a informar com escuta e a transformar a memória em presença viva.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA BRASIL. *Dia Mundial do Alzheimer alerta para aumento de casos no mundo.* 2022. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2022-09/dia-mundial-do-alzheimer-alerta-para-aumento-de-casos-no-mundo>. Acesso em: 12 fev. 2025.

ALVES, Letícia Furtado et al. Doença de Alzheimer: uma revisão sistemática da literatura. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, v. 7, n. 5, p. 153-173, maio 2022. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/saude/revisao-sistematica>. DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/saude/revisao-sistematica. Acesso em: 12 fev. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PODCASTERS (ABPOD). *Panorama do podcast no Brasil: desafios e oportunidades.* PodPesquisa 2024/2025. Disponível em: https://abpod.org/wp-content/uploads/2024/10/PodPesquisa_2024_2025FINAL-1.pdf. Acesso em: 09 abr. 2025.

BEHUNIAK, Susan M. The living dead? The construction of people with Alzheimer’s disease as zombies. *Ageing & Society*, v. 31, n. 1, p. 70–92, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0144686X10000693>. Acesso em: 11 abr. 2025.

BOICOS FINE ARTS. *William Utermohlen: A Persistence.* Disponível em: <https://boicosfinearts.com/exhibitions/william-utermohlen-a-persistence.html>. Acesso em: 20 fev. 2025.

BONA, Nívea Canalli. Meditsch e o conhecimento do Jornalismo – 15 anos depois. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. *VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul*, Passo Fundo – RS. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/R0582-1.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2025.

BONINI, Tiziano. *Podcasting as a hybrid cultural form between old and new media.* 1. ed. 2022. eBook ISBN 9781003002185.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Lula sanciona lei que prioriza cuidado e qualidade de vida a pacientes com Alzheimer.* 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2024/junho/lula-sanciona-lei-que-prioriza-cuidado-e-qualidade-de-vida-a-pacientes-com-alzheimer>. Acesso em: 12 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Ministério da Saúde debate primeiro relatório nacional sobre a demência no dia 21 de setembro.* 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/ministerio-da-saude-debate-primeiro-relatorio-nacional-sobre-a-demencia-no-dia-21-de-setembro>. Acesso em: 112 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Relatório nacional sobre a demência estima que cerca de 8,5% da população idosa convive com a doença.* 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2024/setembro/relatorio-nacional-sobre-a-de>

mencia-estima-que-cerca-de-8-5-da-populacao-idosa-convive-com-a-doenca. Acesso em: 12 fev. 2025.

CAMPOS, Pedro Celso. Gêneros do jornalismo e técnicas de entrevista. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 127-141, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p127/10422>. Acesso em: 28 mar. 2025.

CANAL MEIO. "Ainda estou aqui" e a falta de memória. Disponível em: <https://www.canalmeio.com.br/2024/11/09/ainda-estou-aqui-e-a-falta-de-memoria/>. Acesso em: 14 mar. 2025.

CORREIO BRAZILIENSE. Datafolha: Google é o principal meio para tirar dúvidas sobre saúde no Brasil. 29 maio 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/ciencia-e-saude/2023/05/5098193-datafolha-google-e-o-principal-meio-para-tirar-duvidas-sobre-saude-no-brasil.html>. Acesso em: 28 mar. 2025.

ÉLIDA DE ALMEIDA FERREIRA. *Lembranças: um podcast sobre a doença de Alzheimer*. Universidade Federal da Paraíba (UFPB), 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/29632/1/EAF15122020.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2025.

FALCÃO, Bárbara Mendes; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. O podcast como gênero jornalístico. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. *42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Belém, PA, 2 a 7 set. 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1367-1.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2025.

GUTIERREZ, Beatriz A. O.; SILVA, Henrique S. da. A doença de Alzheimer na mídia: entre o discurso científico e os sentidos da velhice. *Revista Kairós-Gerontologia*, São Paulo, v. 11, n. esp. 2, p. 75–88, 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2397/1490>. Acesso em: 11 abr. 2025.

GUTIERREZ, Beatriz Aparecida Ozello; SILVA, Henrique Salmazo da. Doença de Alzheimer na mídia: implicações sociais e ideológicas na perspectiva da gerontologia crítica. *Revista Kairós-Gerontologia*, v. 10, n. 2, p. 147–158, 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2397/1490>. Acesso em: 28 mar. 2025.

HOSPITAL ISRAELITA ALBERT EINSTEIN. *O que é demência?* Disponível em: <https://vidasaudavel.einstein.br/o-que-e-demencia/>. Acesso em: 12 fev. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Em 2023, 87,2% das pessoas com 10 anos ou mais utilizaram internet*. 22 dez. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41026-em-2023-87-2-das-pessoas-com-10-anos-ou-mais-utilizaram-internet>. Acesso em: 28 mar. 2025.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.

JORNAL RELEVO. *Utermohlen: representação do Alzheimer*. Disponível em: <https://jornalrelevo.com/alzheimer/>. Acesso em: 25 fev. 2025.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. *Rádio expandido: convergência, mobilidade e interatividade na era da hipermídia*. Rio de Janeiro: Mauad X / Faperj, 2016.

LAGE, Nilson. *Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística*. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. Disponível em: <http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/A-reportagem.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2025.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. O rádio na convergência: plataformas, linguagens e audiência. *Comunicação & Sociedade*, São Paulo, v. 30, n. 50, p. 123-140, 2009. Disponível em: <https://revistas.ucp.br/index.php/comunicacaoesociedade/article/view/354>. Acesso em: 28 mar. 2025.

LOPES, Paula Cristina. Jornalismo e linguagem jornalística: revisão conceptual de base bibliográfica. Universidade Autónoma de Lisboa, [s.d.]. Disponível em: <https://repositorio.ual.pt/server/api/core/bitstreams/abcf03e8-3a22-4488-948b-1ed9367304fe/content>. Acesso em: 28 mar. 2025.

MIRANDA, Fernando Albuquerque. Jornalismo e polifonia – a reportagem como trama de vozes na construção da identidade de Felipe Klein. *MEdiAção*, Belo Horizonte, v. 8, n. 7, 2º sem. 2008. Disponível em: <https://revista.fumec.br/index.php/mediacao/article/view/274>. Acesso em: 28 mar. 2025.

NATURE. *Biomarcadores detectam indícios do Alzheimer até uma década antes dos sintomas*. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41591-024-03400-0>. Acesso em: 16 fev. 2025.

NATURE MEDICINE. Biomarker test can detect Alzheimer’s pathology earlier, Pitt study shows. *Nature Medicine*, 2024. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41591-024-03400-0>. Acesso em: 28 mar. 2025.

NÚCLEO DO CONHECIMENTO. *Doença de Alzheimer: uma revisão sistemática da literatura*. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/saude/revisao-sistemica>. Acesso em: 15 fev. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Global status report on the public health response to dementia*. 2021. Disponível em: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/344701/9789240033245-eng.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Managing the COVID-19 infodemic: promoting healthy behaviours and mitigating the harm from misinformation and disinformation*. 23 set. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/news/item/23-09-2020-managing-the-covid-19-infodemic-promoting-healthy-behaviours-and-mitigating-the-harm-from-misinformation-and-disinformation>. Acesso em: 28 mar. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (WHO). *Global status report on the public health response to dementia*. Geneva: WHO, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240033245>. Acesso em: 11 abr. 2025.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). *O mundo não está conseguindo enfrentar o desafio da demência*. 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/2-9-2021-mundo-nao-esta-conseguindo-enfrentar-desafio-da-demencia>. Acesso em: 12 fev. 2025.

PESSA, B. To understand literary journalism and its manifestations. *Brazilian Journalism Research*, v. 20, n. 1, e1637, 2024. DOI: 10.25200/BJR.v20n1.2024.1637.

REUTERS INSTITUTE. *Snap judgements: how audiences who lack trust in news navigate information on digital platforms*. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/snap-judgements-how-audiences-who-lack-trust-news-navigate-information-digital-platforms>. Acesso em: 28 mar. 2025.

ROUCHOU, Joëlle. Ouvir o outro: entrevista na história oral e no jornalismo. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. *XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Belo Horizonte, MG, 2 a 6 set. 2003. Casa de Rui Barbosa / Faculdade da Cidade. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/154072562523644989602900560687275525569.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2025.

SANTANA, Adriana. O repórter e o jornalista cordial: sobre o papel da apuração no jornalismo. *Em Questão*, v. 15, n. 1, p. 125-140, 2009. ISSN 1807-8893. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=465645960010>. Acesso em: 28 mar. 2025.

SILVA, Gislene; MAIA, Flávia Dourado. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. *RuMoRes*, v. 5, n. 10, p. 18–36, 2011. DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2011.51250. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51250>. Acesso em: 28 mar. 2025.

SILVA, Gislene; VOGEL, Daisi; SILVA, Terezinha. *Apuração, redação e edição jornalística*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2022. ISBN 978-65-5805-072-8. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/978-65-5805-072-8>. Acesso em: 28 mar. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). *Pesquisadores da UFRJ descobrem caminho para tratamento do Alzheimer*. 2019. Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2019/01/pesquisadores-da-ufrj-descobrem-caminho-para-tratamento-do-alzheimer/>. Acesso em: 23 mar. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB). *Lembranças: um podcast sobre a doença de Alzheimer* / Élide de Almeida Ferreira. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/29632/1/EAF15122020.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2025.

UNIVERSITY OF PITTSBURGH. Biomarker test can detect Alzheimer’s pathology earlier, Pitt study shows. Disponível em:

<https://www.medschool.pitt.edu/news/biomarker-test-can-detect-alzheimers-pathology-earlier-pitt-study-shows>. Acesso em: 20 fev. 2025.

VASCONCELOS, Túlio. O jornalismo e a construção social da realidade. *Observatório da Imprensa*, ed. 674, 27 dez. 2011. Disponível em:

<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/ed674-o-jornalismo-e-a-construcao-social-da-realidade/>. Acesso em: 28 mar. 2025.

VITAL, Maria A. B. F. A doença de Alzheimer: aspectos fisiopatológicos e farmacológicos. *Arquivos Catarinenses de Medicina*, v. 37, n. 2, p. 117-127, 2008. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S0101-81082008000200002>. Acesso em: 28 mar. 2025.

XAVIER, Cintia; PONTES, Felipe Simão. As características dos jornais como poder cultural: releituras da teoria do jornalismo proposta por Otto Groth. *Intercom – RBCC*, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 35-49, maio/ago. 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/interc/a/PjPt4DyxB88VxKkBMfWWWhNN/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 28 mar. 2025.

NATURE. *Biomarcadores detectam indícios do Alzheimer até uma década antes dos sintomas.* Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41591-024-03400-0>. Acesso em: 16 fev. 2025.

CANAL MEIO. *"Ainda estou aqui" e a falta de memória.* Disponível em:

<https://www.canalmeio.com.br/2024/11/09/ainda-estou-aqui-e-a-falta-de-memoria/>. Acesso em: 14 mar. 2025.

JORNAL RELEVO. *Utermohlen: representação do Alzheimer.* Disponível em:

<https://jornalrelevo.com/alzheimer/>. Acesso em: 25 fev. 2025.

NÚCLEO DO CONHECIMENTO. *Doença de Alzheimer: uma revisão sistemática da literatura.* Disponível em:

<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/saude/revisao-sistematica>. Acesso em: 15 fev. 2025.